

## JORNAL LITTERARIO, CRITICO E RECREATIVO.

Edictor e Proprietario A. Ribeiro dos Santos.

Gigante do porvir, oh moeste de l  
Erguei a fronte alliva.  
(MAGALHAES)Publica-se aos Domingos.—Preço da assignatura—2.000 rs. por trimestre ou serie de 12 numeros, pagos adiantado.  
Assigna-se a esta typographia, rua a Palma n. 8.

## A BRISA

Maranhão, 26 de Janeiro de 1873

É este o primeiro numero do terceiro trimestre d'este jornal, cujo formato julgamos conveniente augmentar, para assim offerecer aos nossos colla-

boras um espaço mais amplo para a publicação de seus artigos. Os artigos que temos lido, para a publicação do jornal, são de uma natureza muito diversa, e de uma extensão muito variada, e de uma importância muito desigual. Alguns são de uma natureza puramente litteraria, e de uma importância muito grande, e de uma extensão muito grande, e de uma importância muito grande.

Nos primeiros tempos da existencia litteraria de um jornal apparecem sempre os mais a desluzir-lhe o mere-

cimento. É uma guerra incitadora que o obriga a trabalhar para esclarecer o erro dos incredulos. É um bem em vez de um mal, e por isso nos confessamos gratos aqueles que com a sua critica (embora malevola) nos tem obrigado a trabalhar para alcançar um lugar, ainda que modesto, na arena jornalística.

1.º, circumspicção no raciocínio na exposição das ideias;  
2.º, muita paciencia para supportar as mordazes adversarias;  
3.º, não se prestar a espezala de ferro de paixões alheias e improprias;  
4.º, respeitar sempre as vidas privadas;  
5.º, ter um comportamento regular

para que os antagonistas não o possam lançar em rosto;

6.º, ter continuamente na lembrança que dos inimigos, nenhum bem de nós se aproxima;

7.º, firmeza no principio que se procura defender;

8.º, gravidade nas questões com os contrarios;

9.º, finalmente, nunca escrever por

Além d'estes, ainda ha muitos predicados necessarios a um jornalista, e que não transcrevemos aqui para não nos tornarmos massantes.

Reconhecendo serem estes predicados necessarios a um jornalista, e de uma importância muito grande, e de uma extensão muito grande, e de uma importância muito grande.

Reconhecendo serem estes predicados necessarios a um jornalista, e de uma importância muito grande, e de uma extensão muito grande, e de uma importância muito grande.

Tendo concluido a breve exposição, do programma que d'ora em diante seguiremos, resta-nos apenas offerecer

## FOLHETIM DA BRISA

## Um amor britannico.

ROMANÇO POR M. DE BETHENCOURT.

A. M. X. Y. GUTIERRES.

(Vid. o n. 3)

Em quanto o nosso inglez se entregava a estas reflexões um tanto philosophicas, monologando, Marville descia a escada que dava entrada para a camara, rindo e zombando da maneira porque humilhara o britannico, mystificando-o facciosamente.

Dirijio-se ao camarão da dançarina para lhe contar o que se passara. Esta quasi morreu de riso quando Adolpho lhe narrou a maneira insolita porque illudira o demasiado credulo britannico. Na verdade Marville era um animalicida! Arrojava ao

monturo dos desenganos as floridas esperanças da conhecida irrationalidade do nobre filho da nutriz do Tamiza. Escorchara aquella mumia protestante los amorosos effluvios que consagrava a impudica Helena. Lançara por terra um edificio já architectado, e os aprestes d'elle resvalar d'abymos em abysmo até se perderem em profundidades infindas! Era um grande criminoso!

A hespanhola porem, desde que descortinara o amor que Marville lhe consagrava, nunca mais o deixou.

A illegallidade d'aquella ligação, reprovada por todos que a moral prezam, tinha no parecer dos refractarios, sustentaculos de crível respeitabilidade. Apezar d'isso sempre se abstinham de dar assumpto aos passageiros para largas conversações criticas; e de quem mais se temiam era de Mr. Theodoro Marville.

O inglez embora se mostrasse aparentemente resignado, tinha o seu tanto de propheta Jeremias, chorando no intimo as decepções da Judea, que prevera depois da infeliz derrota do pobre Sedecias.

Depois de 35 dias de uma feliz viagem entrava a galera Universo na esplendida bahia da capital do Imperio do Brazil.

Não é possivel descrever o vasto panorama que aos olhos do observador se patenteia. A vasta bahia florecida com multiples embarcações pequenas e grandes de todas as nações do mundo, a multidão de casas de variiegadas cores e tamanhos, tudo se parece com a entrada para esse verdadeiro paraizo que na adolescencia sonhamos, paraizo aonde se não morre de fome, como em outras cidades tambem ricas e populosas das outras partes do mundo.

Mr. Theodoro Marville não prestara at-

as columnas do nosso jornal á...  
dade estudiosa, que aproveitando...  
horas de ocio, se entrega á cultura...  
letras, e cuja coadjuvação muito...  
honrará.

## SECÇÃO LITTERARIA.

### O IMPIO.

ROMANCE BRAZILEIRO

POE AUTO FERREIRA

A. Jotyr e Camery.

(Vol. n. 3)

A disputa entre algumas das bellas  
maranhenses tem lugar, almejando ca-  
da qual ser a feliz, a ditosa, escolhida  
como Dulinéa do tenente Lysandro.

D. Dhalila e d. Cotinha, se julgam  
com todo direito de serem as preferi-  
das, pois são primmas, e os leitores  
bem sabem, que entre os primos tudo  
se arranja.

Estas duas meninas com a chegada  
do primo cortesão começaram, ainda  
que occultamente, a criar odio d'al-  
gumas amigas, que mais dotadas de  
belleza eram admiradas pelo tenente.  
Convem declarar que enç e ellas reci-  
procamente se detestam.

Em casa, si Lysandro conversa com  
Dhalila, a outra se amua; si tão somente  
com Cotinha, a primeira se enraivece;  
n'um salão si o pobre primo affasta-se  
um ou dous minutos para destrahir-se  
com as demais moças, as duas logo o  
chamam, ja para contar-lhe um segredo,  
ja para mandar vir um côpo d'agua;  
finalmente o pobre mancebo vê-se ás

tenção á maldicencia recrescida o bordo  
em os ultimos dias de viagem. Julgava  
que seu sobrinho era um rapaz sensato, e  
por isso achava completamente destituídos  
de fundamento os mil episodios narrados  
a meia voz por alguns passageiros.

O caso é que os individuos unidos ille-  
galmente provocaram uma tão grande aver-  
são, que no momento do desembarque não  
se encontraram um só passageiro que os  
saudasse.

Master James Wilton, quando se aper-  
cebeu do conluio de Adolpho e da dança-  
rina, exacerbou-se tanto a ponto de que-  
rer tirar uma desforra condigna da sua  
dignidade, e posição elevada de machi-  
nista.

Tinha a paciencia do gato cervical para  
esperar sem soffreguidão pelo dia da vin-  
gança, vingança que, dizia elle, causaria  
assombro ao mundo inteiro. Meditava na

especie de morte que daria ao francez,  
que tão atrotamente o enganara, fazendo  
passar a hespanhola por sua canonica me-  
lode. E este meditar era porque embri-  
rava solememente com vulgaridades, e  
um tiro a uma paulada, são factos já  
muito vulgares!

Este desejo do britannico esfriou com  
algumas horas de reflexão. Depois quan-  
do alguém lhe lembrava a scena que ti-  
vera lugar com o francez, um sorriso de  
desprezo lhe contrahia os labios, despren-  
dido de recordito logarejo. A parte d'este  
inglez chamada coração era tão excentrica  
como a sua excentrica figura. Concebia  
qualquer, ideia, qualquer plano, mas pou-  
co depois emmergia-os nas lodosas aguas  
da sua obtusa intelligencia. Julgava-se  
desgraçado, e lembrava-se de Goethe que  
que disse aos desgraçados que se matas-  
sem. Tinha-se lembrado mil vezes de reu-

so Julietta quando em vez per-  
guntava affasta Julio se Alvares com  
com certeza affasta.

Lysandro principiava a impacientar-  
se com a melancolia da filha do ne-  
gociante. Não d'alguma sorte na  
sua corda áspera, não podia occa-  
siao de desdichas palavrinhas ternas,  
que por sua infelicidade occam petri-  
buntas faciam com tanta in-  
diferença, e tratam com esse ma-  
chucara. Julgava que era um ingrante  
ou estúpida; tanto mais, quando a vio  
recolher-se para a alcova dando-se  
por incommodada e prescindindo da  
propria companhia de sua prima Ina.

—Pobre menina, reflexionava o  
nosso tenente, bem conheço que te  
apaixonas por mim a ponto de não  
me attenderes. Sim. Nesta materia  
ninguem me vence. Tenho feito um  
estudo bastante serio no coração das  
moças; os menores sentimentos não  
me escapam das vistas. Sou perspicaz  
ao ultimo ponto. Porem que queres?  
serei por ventura o cumplice nesse  
caso? Não me deixam? Ah! se eu te podesse  
fallar a sós verias como te embasba-  
caria com o meo discurso. Então po-  
derias reconhecer a força de eloquen-  
cia d'um tenente honorario, d'um rap-  
paz da corte, que não é como esses  
tolinhos que vivem por aqui a dizer  
asneiras sobre asneiras. Mas que meios  
empregarei para descartar-me das pri-  
mas?....

especie de morte que daria ao francez,  
que tão atrotamente o enganara, fazendo  
passar a hespanhola por sua canonica me-  
lode. E este meditar era porque embri-  
rava solememente com vulgaridades, e  
um tiro a uma paulada, são factos já  
muito vulgares!

Este desejo do britannico esfriou com  
algumas horas de reflexão. Depois quan-  
do alguém lhe lembrava a scena que ti-  
vera lugar com o francez, um sorriso de  
desprezo lhe contrahia os labios, despren-  
dido de recordito logarejo. A parte d'este  
inglez chamada coração era tão excentrica  
como a sua excentrica figura. Concebia  
qualquer, ideia, qualquer plano, mas pou-  
co depois emmergia-os nas lodosas aguas  
da sua obtusa intelligencia. Julgava-se  
desgraçado, e lembrava-se de Goethe que  
que disse aos desgraçados que se matas-  
sem. Tinha-se lembrado mil vezes de reu-

—O que fazes sosinho meo primo?  
interroga d. Cotinha que primeira dera  
por falta de Lysandro.

—Nada.

—Dá-me o braço. Parece que estás  
assim triste?

—Engana-se....

—Está ardendo de amores por a-  
quella sujeita, eim?

—Cada vez suppõe mal.

—Deixe ver esse coração.... olhe  
como está agitado!

—E' natural: si vossê surprehendeo-me.

—Coitadinho! Morde-me este dedo

—Ah! Como estão os dois pombi-  
nhos! exclama Dhalila que os procu-  
rava.

—Eu ja tenho uma raiva disto! Se-  
greda Cotinha a Lysandro.—Ja ella  
vem como uma doida! Que rapariga  
sem modo! Deos permitta que tu con-  
descendas com o que ella pedir.

—Estão fallando mal de mim!?

—Estamos, sim! diz Cotinha.

—Se eu duvido! continua Dhalila  
aproximando-se dos dois.

—Está inteiramente errada prima,  
diz Lysandro a recém-chegada.

—Só basta a sua palavra para mi  
convencer, replica Dhalila.—Não me  
dá outro braço, primo?

—Pois não.

Apezar dos beliscões de Cotinha  
o braço de Dhalila formando assim  
trindade, e passeando pelo jardim, máo  
grado a vontade da outra.

Ja viram o que é um egoista? No-  
taram o vituperio do nosso tenente?

Ja viram como esses presumposos  
se arrastam para a decepção? Mal sa-  
be elle o papel que desempenha. Em  
que engano se abyssma! Julieta que o  
trata com uma indifferença sensível,

nir seu nome á lista de suicidas celebres,  
pezando-lhe pela mediocridade do seu ta-  
lento não poder emparelhar com Chater-  
ton, Gilbert, Malfilatre, Leopold Robert, e  
outros que procuraram no tumulto e radical  
conforto para as decepções terrestres.

Deixando por algum tempo Sir James,  
sigamos a Marville, que desembarcando  
vira-se obrigado a apartar-se da sua que-  
rida hespanhola, pois as conveniencias da  
sua posição assim o exigiam.

(Continua.)

que o critica quando pôde, será crível estar agora apaixonada por elle?

Deixemol-o conduzir suas imperpentes primas e fallemos de Julieta.

Apartada dos olhos de Alvarenga esta menina não podia ter um instante de socego, por isso incommodada, aborrecida e afflicta, achou prudente recolher-se a seo quarto onde, apenas entrara fechou a porta; e, sotando do-rido suspiro acompanhado de chrysfallinas lagrimas exclamou:

—Ai! Alvarenga, tu não me amas! Se me amasses não te demorarias tanto, ou não te apartaria dos meus olhos! Se me amasses... E desatou-se em fortes soluços que lhe embargaram as abraças. Nesse desvario com os cabellos soltos quanto bella ficara!

Ah! quem não ama a virgem quando chora!

Quem não ama aquelles olhos humidos, aquellas palpebras vermelhas, aquelles labios seccos, aquelle coração palpitante e aquella alma toda pura, toda divina, entregue em cogitações e tórpores martyrisadores.

*Continúa.*

## PAGINAS INTIMAS.

### AMOR.

#### I.

Foi ha mais de um anno que a vi pela primeira vez.

Havia chegado a esta provincia havia pouco tempo, e conservava ainda no peito a dor intensa que experimentei quando me vi obrigado a abandonar minha terra natal. As saudades da patria ainda me pun-giam no peito. Recordava-me com tristeza d'esse feliz tempo de minha infancia, d'essa quadra tão amena em que a vida nos sorri em brandos fulgores; recordava-me d'esse começo de minha adolescencia que tão cedo murchou ao fatal sopro da desgraça, forçando-me a ir procurar em paiz estranho os meios de poder subsistir... A recordação das bellezas que minha patria encerra, tudo me fazia encarar com desdem. A felicidade para mim, só a julgava encontrar nas margens do Tejo respirando as meigas brizas que me bafejaram ao nascer.

Achava-me n'estas disposições de espirito, quando um dia um de meus recentes amigos que já estranhava tão acerba melancolia, me pediu que o acompanhasse para ir ver a festa que então se celebrava no templo de Santo Antonio, a virgem que nos traz a primavera, a essa flor que nunca se fanou... a virgem Maria. Compreendi que elle queria ver se o espectáculo da festa me distrahia; accedi ao seu pedido.

Enfiei no templo. Já volteava na nave o insenso. Algumas vozes se erguiam a en-

toar os hymnos sagrados... Passei por entre a multidão que me olhava como um objecto curioso... Não admira... era estrangeiro!... Cortejei algumas pessoas que já me conheciam, e que admirada pela minha vinda ali me felicitaram n'estes termos: «Até que enfim se resolveu abandonar a solidão de sua casa para vittomar parte nos nossos folguedos. Já eri tempo. Felizmente veio n'um bom dia, meu caro, pois temos aqui algumas jovens bonitas, e parece-nos que o Sr. é admirador do sexo amavel». Não pude deixar de sorrir a estas palavras, e um d'elles, que interpretara mal o meu sorriso, me disse um pouco despeitado: «Não julgue meu querido que só na Europa ha mulheres bonitas, aqui tambem temos algumas. Se as deseja ver, tome o meu lugar que é bem na frente, e podel-as-ha apreciar.» Aceitei o obsequio que elle me dispensava, e tomei-lhe o lugar. Não havia luvida; achavam-se ali jovens encantadoras.

Depois de ter espraído lagamente minhas vistas sobre essas flores que nos matizam a senda escabroza da vida, fatigado já de as contemplar, ia outra vez engol-phar-me em meus tristes pensamentos, quando, ao ruido que fizeram algumas pessoas arredando-se para d'ixar a passagem livre, levantei os olhos, e vi entrar uma joven... Era linda!.. Nunca no decurso dos meus dias, tinha sonhado ideal mais bello!.. Não tentarei fazer nua descripção da sua belleza.. Seria uma loucura! Não ha palavras, pincel, nem traços que a possam bem retratar! Parecia uma d'aquellas houris, com as quaes apraz aos arabes ornar o Paraizo de Mahometh; uma d'aquellas phantasticas virgens de Ossian. Ao vel-a fiquei deslumbrado, como quando encara-mento a terra que parecia não tocar. Segui-a com o olhar, e durante todo o tempo da celebração da festividade, não deixei um só instante de sobre ella ter fixos os meus olhares! O tempo que ali estive decorreu para mim tão rapido, que já se tinham terminado as ceremonias religiosas e eu continuava, estatico, immovel, a contempl-a... Havia-me esquecido do lugar em que me achava, de tudo, para só pensar n'ella! Pensar!.. Nem eu sei dizer o sentimento de que me achava possuido; era inexplicavel! Tinham-se-me apagado do espirito todos os pensamentos em que vivia até então engolphado, para só me embeber na suave contemplação d'aquelle anjo... Mas derepente via levantar-se e sair. Quiz segui-la, mas a multidão separou-nos. Alguns individuos meus conhecidos dirigiram-se a mim: tive de os supportar. Despedi-me desesperado d'esses amigos que se tinham dirigido a mim tão importunamente. Procurei vel-a ainda uma vez no largo, queria beijar os vestigios dos seus passos... Mas foi de balde, não mais a vi n'esta noite.

Retirei-me para casa pensativo. Uma só ideia me occupava a mente, era tornal-a a ver, e... amal-a! Sim, pois eu estava convencido que o que sentia por ella era amor. Eu que julgava não mais sentir meu coração palpitar: eu que julgara estar precavido contra todas as seduccões do amor, tinha bastado a presença de uma mulher para me fascinar...! Lutei toda a noite contra esse sentimento indefinivel que me invadia, queria suffocal-o; mas era de balde, julgava sempre ver a imagem d'essa mulher que tão inopinadamente me appare-

cera, e que em tão breves momentos fizera de mim um escravo.

Entregue a estes pensamentos passei a noite em insomnia. Umaz vezes julgava ver n'esse amor a minha felicidade futura; outras, julgava n'elle achar o germen de mil futuras desgraças. Comtudo depois de ter passado largo tempo n'estes combates interiores, quando começava a surgir a aurora, já eu tinha feito o proposito de lhe fugir... Não fui mais á festa. Devia evitar o perigo.

*(Continúa.)*

### Meu desejo.

O meu desejo?...—é segredo...  
Oh! não o tentes saber!  
E' loucura! é impossivel!  
Não has d'o comprehender!...

Meu desejo?...—foi outr'ora  
Fagueira esperanza do ceu!  
Hoje sombra fugitiva,  
Coberta com baço véo!

Meu desejo?...—foi florinha  
Vestida de nivea cor,  
Que murchou sem ter da brisa  
Um só affago de amor!

Meu desejo?...—foi anceio  
Que muito me fez scismar!...  
Mas vaga lembrança é hoje,  
Não o quero suscitar!

Meu desejo?...—foram notas,  
Que minh'alma segredou;  
—Hymno de amor, d'esperança,  
Que em vão espaço echoou!

Meu desejo?...—foi um sonho,  
Que a mente m'absorveu!  
—Um suspiro indefinivel,  
Que nos ares se perdeu!

Meu desejo?...—foi mysterio,  
Que o peito em fogo guardou!  
Hoje,—sombra esvaecida  
Da crença, qu'o transportou!

Parnahyba 12 de  
Dezembro de  
1872.

L. A. DE Q. NUNES.

### SE ME DESSES AMOR.

A . . . .

Se me desses amor, eu te daria  
os affagos, gentis que gosa a flor;  
eu por ti neste mundo morreria  
se me desses amor!

Se me desses amor, casta de  
eu seria só teu lédo canto  
eu seria feliz na mocidade  
se me desses amor!

Se me desses amor, ah! se commigo  
tu viesses soffrer a  
minha dor,

eu amor-te daria como amigo  
se me desses amor!

1873.

J. AUTO PEREIRA.

AOS ANOS DE MEU AMIGO S. A. DE SOUZA.

A' teos annos eu desejo,  
caro amigo, fncidade;  
gosa a tua mocidade  
que ha pouco te rebentou;  
tu es tão moço, não sabes,  
este mundo é só de enganoso;  
não te illudas nos teos annos;  
sé pois feliz que eu não sou!

Maior—1872.

J. AUTO PEREIRA.

## REVISTA DA SEMANA

Na semana finda a primeira occorrença interessante que se nos apresenta é a festa do Senhor dos Navegantes celebrada no templo de Santo Antonio, que correu assaz brilhantemente, sendo grande a concorrência, já de homens, já de senhoras, que, na opinião da mocidade profana, são os flores com que se engrinaldam os templos.

Além da musica, foguetes, etc., poderíamos também inserir como accessorio d'essa festa o numero, pois tem-se de tal modo desenvolvido, que nem a proprio motu.

do assim grande desespero nos modernos Galles, que se affligem ao ver a mocidade entregar-se a isso (são elles que o dizem) foco do desmoralisação. Com quanto não sejamos moralistas, condemnamos também taes actos, pois é cousa que nos desagrada muito, ver alguns mancebos, olvidados do respeito com que se devem conduzir n'um lugar sagrado, lançar olhares atrevidos sobre as senhoras que ali se acham impossibilitadas assim de orar, e cujos trejeitos amorozos offendem a magestade do templo.

A proposito de moralistas, estou capaz de apostar que o leitor já leu *as Rabiscas*, escripto publicado no jornal Domingo, de que é autor o Sr. G. T. Se o leitor com effeito o leu, dou-lhe os parabens, pois com certeza lucrrou com a leitura d'esse escripto que parece ser producção da penna de um moderno Socrates. Só uma cousa nos affligio, quando o lemos foi não no seu final esta sentença jesuitica: *«Façam o que eu digo e não se importem com o que eu faço.»*

Apreciamos muito a producção do Sr. G. T., embora um nosso amigo nos asseverasse que a intenção d'esse Sr. escrevendo *as Rabiscas* não fóra de moralisar, mas sim de captar a

benivolencia de seu futuro *beau-père*, haucut de *testamento* *maternos*, a quem semelhantes ideias deviam por certo agradar. Duvida se foi ou não esta a mollia que impellio a escrever o autor das *«Rabiscas»*, absteimo-nos de mais commentarios.

Mui intelligente é a policia d'esta cidade! Temos a registrar mais um facto que prova o munto discernimento dos seus empregados! Ora vejão leitores, o de certo não de! concordar com osco!

Certa vez de *comuna* *passada* estava encostado a minha janella, haviam de ser onze horas, quando vejo passar um infeliz que se achava atacado de alienação mental, prorrompendo em exclamações sem nexo como é de esperar de um individuo que se acha em semelhante estado.

Passado pouco vejo a patrulha correr atraz d'elle, garral-o, e perguntar-lhe a razão porque perturbava o silencio a uma hora já tão adiantada da noite. Elle respondeu-lhe disparatamente. Os soldados levam seguramente meia hora a fallar com elle e não conseguem comprehender que o homem está louco! Por fim deixam-no, e sendo fosse uma pessoa que lhes declarou que o dito individuo estava doido ainda hoje o temerariam!

homens tão intelligentes é de esperar que faça *grandes cousas*.

Não havendo mais nada a relatar de importante, sou com toda a estina do leitor esperto, ou do leitora graciosa o servo dedicado.

AGNOR.

## DIALOGO

Qual é o primeiro dentre os cidadãos brasileiros?

—E... é...  
—É o inspector do quartelão.  
—O inspector do... quartelão?...  
—Que duvida.  
—Mas, como?  
—Como, que não lhe custara a engulir.

—Voltamos ao sério. Explique-me como e porque é o inspector do quartelão o primeiro dentre os cidadãos brasileiros.

—Facil é a explicação uma vez estabelecida esta questão preliminar.

—Quem é que faz deputado o senador? que garantias tem o cidadão em epoca eleitoral, e o que é elle se não um vil instrumento do inspector do quartelão?—

—Ah!...  
—Oh!...

—E qual é o ultimo dentre os cidadãos brasileiros?

—Tão perplexo como na primeira questão deixo á sua conta o explicito m'o.

—Ora viva! então ja não tem confiança no seu proprio raciocinio?

—Vamos a explicação.

—Que duvida! Eil-a.

—O ultimo dentre os cidadãos é o pobre contribuinte, verdadeiro paria que se deixa depennar para a representação de uma frega em que elle não toma parte, e se não é nenhum oimplorio, se é sincero, amigo do seu paiz, de certo, de nojo não querera tomar.

## SECÇÃO RECREATIVA.

Anecdota. Certo individuo mostrava a um seu amigo uma poesia, no começo da qual se achava uma pequena gravura representando um homem sofrendo um cavallo, e que fóra escripta em resposta a outra destribuida no Theatro de S. Luiz.

—Quem será o autor d'isto?  
perguntava o primeiro, fingindo ignorar quem era o autor.

—Ora esse! responde-lhe o segundo, é você.

—Qual enganado! As boas obras são sempre precedidas do retrato do autor, replicou o segundo.

## CHARADA

D'um incendio pavoroso  
E que nasci pura e alva,  
A que peccador contricto  
O meu poder não salva? 3

C.

A baixeis velozes faço,  
(Não incluindo o vapor)  
No meio do alto mar  
Parar sem mão lhe por.

O Edictor e Proprietario deste jornal agradece ás pessoas de pouca licadeza acceitaram uma assignatura d'este pequeno jornal.

## AVISO.

As pessoas que não tiverem recebido a assignatura deste jornal; terão a bondade de devolver nesta typographia

Mar.—Typ. de R. d'Almeida & C., emp. por R. dos Santos.



## O IMPIO.

ROMANCE BRAZILEIRO  
POR AUTO PEREIRA.  
A' JATYR E CAMERY.

(Vid. o n. 13)

—Olé! trata-se d'um duello! o caso é célebre! E o que tens decidido Alvarenga? perguntou Julio depois da leitura da carta, sorrindo-se e encarando o amigo.

—Apresentar-me! respondeo Alvarenga puchando uma cadeira—bem sabes porque motivo deixei de procural-o.

—Mas... então quando se batem vossês?

—Hoje. Acabei de escrever á elle emprazando-o a comparecer no sitio determinado. Participo-te que me acompanhas como padrinho.

—Queres ouvir um conselho de amigo? para melhor dizer-te, de irmão?

Alvarenga sacudiu a cabeça.

—Pois ouve. Mais honrado te fica desprezar o desafio d'esse monstro, que te bateres com elle. Creio que desconheces minuciosamente o tal do sr. Enéas, não?

—De certo, respondeo Alvarenga.

—Pois eu o conheço perfeitamente: não comprehendo como o velho Dominos o consente lá. Afasto-me d'elle como o diabo das cruzes. E' lamentavel; não é tólo; mas, coitado, não gosá de boa reputação na sociedade.

—O que conclhe? perguntou Alvarenga.

—Que não deves acudir ao duello.

—Mas, Julio, assim a minha reputação fica de qualquer maneira manchada! Se acabei de escrever a elle, como já te disse, mandando-o esperar-me...

—N'esse caso; diz Julio interrompendo ao amigo,—deves immediatamente fazer-lhe outro bilhete onde exprimas que elle não é sufficiente para bater-se contigo.

Um candieiro, cheio de azeite de carrapato, allumia com a sua fraca luz, o recinto de um enfumacado quarto, lançando os seus pallidos clarões sobre uma meza, aonde se vêem alguns camarões seccos, uma meia duzia de garrafas e outros tantos copos. Em torno d'ella, acham-se sentados cinco convivas, no meio dos quaes se distinguem pelas suas pilherias, os Sars, Ferrabraz, D. Quixote, e Molière, que, entremecendo a sua conversação com repetidas libações, fazem, conjunctamente com os outros, grande algazarra, o que torna difficil de ser entendida a sua conversação, pelo taberneiro, homem de enorme estatura, e cujo aspecto infunde terror. Junto a um dos ca'os da meza, está sentado o Sur. Cesarini, joven de pequena estatura, tez macilenta, e ar um pouco misanthropico, e que com uma enorme pasta diante de si, bem prova ser o secretario d'aquella associação.

E' n'este brilhante recinto, que tem lugar a reunião scientifica, dos eminentes literatos da formosa S. Luiz!

—E' verdade! Dá-me papel.

Em quanto Julio banhava o rosto Alvarenga escreveu e leo alto ao amigo:

—«Irreflectidamente, sr. Enéas, aceitei o desafio que me fizestes; porem, ponderando que a posição mantida por mim na sociedade não me permite proceder assim, que vós gozais d'um immoral conceito, retiro as expressões que ha pouco vos dirigi, ficando consocio de que vos odiarei para sempre.»—O que achas Julio?

—Está bom.

N'esse momento entrava o creado e a carta foi enviada a Enéas Souza.

Quando os dois amigos se acharam outra vez sós deleitaram-se em conversas sobre a noite passada.

Julio descobrio que tinha rompido o mysterio dos «Amores de Rumão» dizendo a Ina que era Alvarenga, seo intimo amigo, o autor d'essa poesia. Este quiz reprehender a Julio, mas reflectindo que d'isso nada em contrario poderia succeder, calou-se transportado de alegria.

Estava satisfeito.

Ah! coração de poeta! alma que se expande e se engolfa n'um oceano de mysterios; espirito leve que se exhibe tão rapidamente feliz, illudido por seus sonhos, quanto de soffrimentos se aguarda no seio d'um mar, cujas ondas revoltas conservam em si, rebulhões de prantos.

Ah! alma do poeta! que a sociedade encara como alimitado indifferentismo! Alma, que o mundo zomba de suas confidencias e de seus pensamentos; alma a quem os homens de ouro atirados nos abismos da concupiscencia só sabem opprimir com o peso do vil metal, offuscando-lhe a vista, e seduzindo-lhe os nobres sentimentos, não acreditando todavia nas dores internas, nos penhores d'alma, cuspiendo por escarneo nas estrophes de seus cantos!

O que? nos dirá o leitor attonito, é em semelhante espelunca que esses genios vão beber a inspiração para compor as suas obras?

Sem duvida leitor ingenuo. Julgais provavelmente não ser proprio semelhante lugar, para beber a inspiração, somente porque não se acha allumiado a gaz, as paredes não estão forradas de papel, e o sobrado de tapetes? Como estaes enganado.

E o motivo d'esse engano, sabeis qual é? E' não vos terdes lembrado das garrafas, no fundo das quaes, essas celebridades vão buscar o espirito, que a natureza, para com elles mesquinha, lhes recusou. E se quereis mais uma prova, lede-lhe os escriptos, e vereis que o espirito que n'elles transluz, não provém, senão do que acabamos de dizer.

O leitor nos perdoará a digressão, e voltemos ao assumpto.

RALPH.

(Continua.)

Alma de poeta! thezouro de puras emoções,  
fôco ao mesmo tempo de martyrios, barathro  
de lagrimas, de mil lagrimas!

Alvarenga quando chegara á casa chorou;  
não esse choro hypocrita prova de vãos senti-  
mentos; mas sim essas dores d'alma, essas  
punhaladas intimas, que, quando são fortes,  
transportam o poeta á beira do tumulo. Cho-  
rou, mas de prazer. Julieta o amaria com  
mais vehemencia, com mais ardor, e seo braço,  
sua vida, serfiam para salva-a de Enéas, para  
o triumpho de seus amores.

Assim pensando Alvarenga adormeceu.

(Continúa.)

**Dolido.**

II.

Quando eu te amava tinha o peito ardente,  
minh'alma crente  
só por ti morria;  
mas, ah! bem cedo d'essa doce lida  
foi-se-me a vida  
que d'amor vivia.

E hoje é triste meo penar dorido,  
vivo embebido  
no lensor das magoas;  
creança louca, sem pensar, brincando  
fui-me escoando  
no arder das fragoas.

Do que me serve recordar agora  
a doce aurora  
que se foi perdida?!  
Para quem vive no furor da sorte,  
a vida é—morte—  
e o morrer é—vida!—

Do que me serve tão sorrir tão lédo,  
se tenho medo  
ja de olhar á ti?

Ah! não me falles mais d'amor um dia...  
por sympathia  
te adorei... soffri....

III.

Tu tens nos labios  
—mel;  
no teo coração  
—fel.

Nas phrases tens  
—candura;  
no teu viver  
—loucura.

Nos olhos tens  
—amores;  
no pensamento  
—horrores.

Teo riso é  
—de fada;  
mas teu viver  
—não agrada.

Portanto, vae-te  
—adeos!  
Bem longe aos olhos  
—meos.

Já mesmô te  
—aborreço;  
te vendo me  
—entristeço.

Jamais te amei,  
—mentira!  
só amo a minha  
—lyra.

Assim, portanto,  
—adeos  
adeos, mulher,  
—adeos!—

1871

J. AUTO PEREIRA.

**PORQUE MENTIAS?**

(Imitação.)

Obrigada, moreninha, nunca foste  
A jurar-me o que n'alma não sentias!  
Dizendo algumas vezes com ternura:  
—Eu te amo—ah! cruel, porque mentias?

—Eu te amo—amudaste; e d'esse fogo  
Cruciantes me forão as agonias.  
Inexperito, te cri!... tempo perdido!  
Moreninha sem dô, porque mentias?

Sabe D'os se te amei! e o peito meu  
o fogo que calei, e tu nutrias!  
Myrrha-se o coração, vóa a esperança!  
Isto tudo porque? porque mentias!

Vê, ingrata, o pallor que me acoberta!  
Os prazeres ja me são nuvens sombrias!  
Esquecido me tens. Adeos p'ra sempre!  
Moreninha sem dô, porque mentias?

Novembro—6—1872.

OJUBA.

**N'UM ALBUM.**

Deixae-a dormir, não a desperte;  
veja como ella encosta de mansinho  
a loira cabecinha no niveo braço  
macio, tão macio, como o arminho.

Ella dorme... suspira... ai! quem me déra  
aventar esse sonho d'innocente!  
sonhar como ella sonha, ter no seio,  
amôr e paz, sentir como ella sente.

Oiga o nome sublime, manso e terno,  
que entre risos agora murmurou:  
—mãe! que traduz—amor,—encanto—  
doce palavra que outr'ora me inspirou.

Não a disperte, não! E' bello vél-a  
banhada de luar, dormindo assim:  
é singela de mais para menina,  
e formosa de mais p'r' a seraphim!

Dorme, anjinho do céo, ten somno puro  
perfumado da noute pela aragem!  
E, quando fores moça não te esqueças,  
que este canto brotou da tua imagem.

Rio de Janeiro—Dezembro 1871.

A. CARLOS DE ALMEIDA





JORNAL LITTERARIO, CRITICO E RECREATIVO.

Gigante do porvir, oh mocidade!  
Erguei a fronte altiva.  
(MAGALHAES)

Publica-se aos Domingos.—Preço da assignatura—2000 rs. por trimestre ou serie de 12 numeros, pagos adiantados.

—M. n. 2.

## A BRISA

Maranhão, 5 de Janeiro de 1872

Mais um elo acaba de se unir a essa brilhante cadeia que tem o nome de seculo XIX, — é o anno de 1872.

Desapparecendo nas brumas do passado, o anno de 1872 juntou mais alguns materiaes para a construcção d'esse grande edificio do aperfeiçoamento da humanidade pelo progresso,—esse incendio inextinguivel, que cada dia toma proporções mais amplas.

E', como dissemos, o progresso um incendio, mas em contraposição a esse que deposita o infortunio no seio das familias abastadas; é um incendio sim, mas o incendio que transfórma em scintillante olhar a myopia, em grandeza a pequenez, e em alguma cousa o nada.

Não senheiantes as cinzas que reduzem a pó os mais fortes mineraes, a cinzas as materias as mais incombustiveis, e a simples residuos as pedras, as chamas desse incendio são

## FOLHETIM DA BRISA.

Um amor britannico.

ROMANCE POR M. DE RETHEHCOURT.

A. M. R. Y. CUTERES.

(Vol. o. n. 21)

Em quanto o parvo inglez passeava a largos passos pelo tombadilho da grande galeria Universo, não se lembrando do pobre Hercules que tão triste papel representou, fiando na roca do Omphale, e dos muitos e variados episodios cantados, pelos poetas, concernentes aos heroes da antiguidade, o joven Marville entregava-se, no seu camarim da primeira camara, a um dialogo assaz animado com a dançarina.

Logo que o excentrico personagem britannico, o animal mais exquisito da galeria zoologica, desapareceu da prosença da Phryné que sonhára, a dançarina entreabrio o envolvero da perfumada carta,

aquellas que aclaram as luzes da intelligencia, e fazem nascer um sol aurifulgente e vivificante no intellecto universal.

Sim, foram ellas que esclareceram os cerebros enfraquecidos dos grandes inventores, quando legaram a posteridade os artefactos do seu genio, e são ellas ainda que, para o futuro, elevarão o mundo a um tão alto grão de prosperidade, que seria loucura a razão querer sondal-as, perdendo-se n'um vasto dedalo de raciocinios inexticaveis e de febris cogitações!

O progresso! Esse astru luminoso que em tudo opera transformação,—que lança por terra as antigualhas para servirem de pedestal as maravilhas da actualidade,—que derruba hoje, o que amanhã fará surgir resplandecente, bello, radiante!

Salvo progresso! Conha-ta um inapertante papel no anno de 72. Não nos é dado analizar os beneficios que espargiste pelo orbe, veremos somente o que se passou n'esta provincia do vasto imperio do Brazil, e não podemos

e percorrendo em todo o sentido, as palavras n'ella contidas, não conseguio comprehender a significação de uma só. Deliberou então procurar o seu visinho do jantar, e pedir-lhe uma traducção, a mais literal possivel, do alludido amontoado de palavras. Assim fez.

Marville recebeu pois a hespanhola com grande contentamento.

—Venho talvez encommodar-o meu senhor, disse ella.

—Não diga tal... Encommodar-me!.. Pelo contrario, é grande o prazer que sinto em a receber.

—Entregarão-me ha pouco esta carta.

—Essa! E' para mim grande novidade, haverem correios de terra para o mar! Muito havemos progredido! E' de causar pasmo, disse rindo Adolpho.

—Não se ria, isto é serio, replicou P'epita.

—Serio!?

—Sim senhor. Um passageiro entregou-me esta carta hade haver pouco mais de cinco minutos.

—Nada ha n'isso de offensivo aos bons costumes?

—Talvez.

deixar de dizer, que também imprimiste entre nós o teu sello. A companhia Ferro-Carris, destinada a proteger o commercio e a agricultura, e a Bibliotheca Popular, esse manancial onde todos podem ir beber a illustração, são obras tuas!

Avante progresso, avante, e praza a Deus que um dia vendo florescer a agricultura, o commercio, e a industria, e vendo-nos também REGENERADOS por ti, possamos (encarando *sem corar* os habitantes dos Estados-Unidos) dizer: —Podemos também... —LIBERDADE, —IGUALDADE, —E FRATERNIDADE.

## SECÇÃO LITTERARIA.

### O IMPIO.

ROMANCE BRAZILEIRO

POR AUCTOR PÉREIRA.

A. JAYR E CAMERY.

(Vol. o n. 21)

Conduzido pelo pae de Julieta, o lavrador foi ter no gabinete particular do mesmo, onde, atirando com o enorme corpo n'uma poltrona, foi travando a seguinte conversa:

—Então, meu amigo, estás conversando a tua rapariga com o filho do compadre?  
—Não sei. São negocios melindrosos que precisam de reflexão madura.

—Está na duvida?

—Não posso saber. Faz-me o favor de a ler. E Pepita passou o envolvero já aberto, ac seu interlocutor.

—Ora esta! Aposto que é uma declaração amatoria do pateta britannico?

—E, confirmou a dançarina.

—Que mais verei, meu Deus!?

—Admira-se?

—Não! Se este mundo é uma comedia aonde se vêem personagens de toda a especie!

Marville abriu a missiva, e olhou para ella com attenção.

—E' em inglez, disse elle.

—Sem duvida, disse Pepita. Se não fosse escripta n'esse idioma para mim completamente desconhecido, deixaria de o encommendar.

—Posso então traduzir?

—Se faz favor....

—As suas ordens.

—Muito agradecida.

—Qual reflexão madura! Pois não!...

—Ora! Já vejo que não sabes conhecer estas cousas. Talvez, creias que elles não se gostem?

—Não é isso.

—Que diabo pois te põe tão duvidoso. Por dinheiro, não; o compadre tem um bonito peculio. Demais é economico, muito instruido, e faz-me admirar como elle se pega com frei Aniceto em materia religiosa. Não fazes asszola o filho unico.

—Sim, mas....

—Não tem mais nem menos. Fazes gosto, decide-te e se não fazes, é outra cousa.

—Bem, veremos. Logo.... amanha.... outra qualquer occasião fallaremos a respeito.

O negociante se não tivesse um genio pacifico ja teria aborrecido seo impertinente amigo. O sr. Avevedo era um animalejo destimido.

Para fazel-o mudar de assumpto foi preciso o sr. Domingos abrir uma caixa de havanos e offerecer-lhe.

—Não gosto dessa porcaria. Se me fallasseis em um caximbo, sim senhor. Não sei que gosto acham vossês nisso.

—E' porque te tens familiarisado com o teu fumo de corda.

—E gasta-se menos. O gosto está na economia.

—Então mais aprecias uma cousa pessima,

—Ja se vê. Eu não fumo por vicio.

—E's differente de mim. Não é qualquer qualidade de charutos que gasto. Os meos

—Preste attenção ao que diz o pateta.... seu apaixonado.

—Sou toda ouvidas.

—Bem Ah! vai, Madame, olhe que este é o unico termo que elle sabe da lingua de Corneille e Racine.

—Faz favor de se deixar de interrupções desnecessarias. Peço-lhe que comiece.

—Não se encolerize. Causar-me-ia grande pezar. Principio pois a satisfazer-lhe a curiosidade...quasi impaciente. Madame...

—Isso já disse o senhor mais de doze vezes...que massada!

—Que exaggeração?? Doze vezes! Ah! sim! esse foi o numero dos trabalhos de Hercules!

—Que comparação tão asnatia, retorquiu Pepita, mostrando-se impaciente pela leitura da carta britannica.

—Gosto de a ver zangada, torna-se mais bonita.

—Faz favor...

Continúa.

veem de encommenda. Fuma um destes que verás.

— Não quero, não.

— Que tal tens achado o brinquedo?

— Bom. Mas parece-me que tenho algum somno.

— Quando te quizeres deitar, não tenhas cerimonia.

— São cousas que não uzo. Nós da roça somos positivos.

— Eu volto ao jogo; se quizeres podes ficar dormindo.

— Essas tenções tenho eu. Não gosto de perder a noite em ridicularias.

— Pensas bem como lavrador. Até logo.

— Adeus.

Deixando o lavrador empregar as ideias na sua fazenda, acompanhemos os bellos pares que se entregam no fervor do baile.

A primeira dama que vamos encontrar é d. Feliciano, que afinal ponde rebocar um cavalleiro para aturar as suas impertinencias.

D. Feliciano alem de muito feia, quer passar por espirituosa. E' uma dama desfructavel. Critica o *toilette* das outras, embora o seo não offereça novidade. Analysa como fallam. Nota os defeitos physicos de cada uma. Sabe qual d'ellas está apaixonada, e tantas cousas mais, que mereceo a antipathia da maior parte das moças do Maranhão, que descaradamente visita.

Largando de parte esta personagem que nada mais para e mais comatos, apparece-nos a varenha que dança com Ina e Julio com Julieta.

A musica apressa: os dançantes rodam ligeiramente, e a volupia é intensa.

(Continúa.)

## VERSOS Á CORINNA.

### POEMA D'ALMA.

#### I.

##### DESEJO.

Rebentam de minh'alma  
em turbillões ardentes  
as phrazes que me inspira  
o teo gentil primor;  
meo eu se enthusiasma  
de ver-te tão formosa,  
olvida os soffrimentos,  
te ama, meo amor.

A alma do poeta  
se sente embriagada  
se encontra alguns affectos,  
que vá lhe cativar;  
mas, eu Corinna santa,

que nunca fui poeta,  
porque tenho os affectos  
tão fortes a matar?

Não sabes o mysterio?—  
Nem eu, anjo formoso,  
minhalma desconhece  
princípio tão real;  
só sei que tenho vida,  
só vivo n'este mundo,  
porque nas trevas d'elle  
tu és o meo phanal.

O', tu que assim me guias  
o alvo que o futuro  
reserva para mim!  
conduz o caminheiro  
que expira na desgraça,  
sem ter luzes no estro,  
sem ter olhos emfim.

E não me desampares,  
nem negues a meos olhos  
a luz que accende viva  
nos lindos olhos teos;  
eu te amarei, Corinna,  
tão pura e docemente,  
como se ama os anjos,  
como se ama a Deos.

#### IV.

##### PARA MIM.

Para mim, és a Vesper scintillante,  
que dos ceos encaminha o viandante  
és a luz do pharol que me desvia  
de topar sobre dura penedia,  
de me ir soçobrar!

E's a luz de minh'alma, tu me obrigas  
a viver n'um abysmo de cantigas,  
n'um todo de prazer;  
para mim, para mim, tu és somente  
o branco cygne que me doura a meute,  
que me alegra o viver!

E's o brando murmuro da cascata,  
que desprende de si gotas de prata  
por sobre os olhos meos;  
mas, tambem, eu te juro, moreninha,  
és o raio de sol que secca asinha  
esses prantos só teos.

Quando busco dormir, se acaso sonho  
é um lédo, gentil, doce e risonho,  
que se pode soubar,  
porque tudo ante mim vejo pintado  
com teo dedo de rosa, marchetado,  
que me faz encantar!

Para mim, para mim, bella Corina,  
és um todo de luz, mas luz divina,  
que minh'alma alumia;  
se não fosses vivente n'este mundo,  
meo pobre estro sem calor ao fundo,  
no gelo morreria!

V.

## DEPOIS QUE TE VI.

Depois que te vi, creança,  
que vivi para a esperança,  
que para a vida vivi,  
não passa um só momento,  
que meo triste pensamento  
não se recorde de ti.

Rasguei os pannos do peito,  
e no fundo, bem com geito,  
a tua imagem gravei,  
sobre nos saltos da minha  
divei-te reido louvores  
onde a amizade liguei.

Eis a vida do poeta  
parece tão indiscreta,  
porem Corinna, não é;  
—o amor é um sentimento,  
tão forte, como é o vento,  
que arranca do cedro o pé.—

Assim, não culpes, donzella,  
ao pobre que achou-te bella,  
e que só vive por ti;  
eu serei um teo captivo:  
—ai! não sabes como vivo,  
depois, depois que te vi!

1874.

J. AUTO FERREIRA.

## SECÇÃO CRITICA.

E' com os labios entre-abertos por um sorriso e  
tores para vos saudar, dando-vos os parabens por  
terem chegado incolumes ao principio d'este anno,  
sem que nenhuma das calamidades, que actualmen-  
te nos perseguem, vos tenham sido fataes.

Apoz este cumprimento que espero seja por vós  
bem recebido, eis-me em apuros para vos narrar  
alguma cousa nova, pois os meus amigos chronistas  
tem de tal modo exaurido o que podia haver de no-  
vo que estou quasi sem assumpto.

Fallarei dos presepios? Nada, é materia já muito  
corriqueira.

Eis-me por conseguinte sem assumpto? A fora  
os presepios, a companhia Ferro-Carris, que me  
resta para contar?

Ah! sim restam-me as predições de um astrologo!  
Aposto que os leitores não sabem quem é esse as-  
trologo? E' o mesmo, vou sempre dizer-lhes quaes  
são as taes prophécias. E alem d'isso ellas são tão  
extravagantes, que seria da nossa parte um crime  
de lesa-curiosidade, deixar de as narrar. São as se-  
guintes:

1º Prophetiza o tal amigo que na estação invernos  
haverá uma copiosa chuva de poetas, que ensur-  
decerão os habitantes do globo terraqueo recitan-  
do-lhes a todo o momento poesias pelo theor de  
"Ja não quero viver" e outras. Diz elle mais que  
esses poetas hão de vir da lua, e por isso serão cha-  
mados lunaticos.

2º A companhia Ferro-Carris contractará para o  
seu trafico empregados, que, alem de não serem  
caricaturas, possuirão a inestimavel qualidade de  
serem civis. Este facto encherá de pasmo o mun-  
do luteiro.

3º Brevemente apparecerá uma nova epidemia,  
cujos symptomas são uma grande dureza de lingua,  
e terriveis dores nos ouvidos. Diz elle que ella será  
fatal aos calumniadores.

4º Certo redactor de profisso, esforçar-se-ha para  
que um dos collaboradores do seu jornal pratique  
um assassinato, para poder narrar aos seus assign-  
nantes um facto cheio de interesse.

5º e ultimo. Um individuo d'esta cidade ercará  
um novo jornal intitulado *Faca de ponta*, para advo-  
gar os interesses dos adeptos de Bacho.

Eis em resumo as predições de tal astrologo, e  
não tendo mais nada a dizer-lhes, despeço-me dos  
leitores desejando-lhes toda a sorte de prosperida-

AGENOR.

## SECÇÃO RECREATIVA.

## Cousas agradaveis.

Conversa com moça bonita e instruida.  
Menina que cheira a azinhavre.  
O maior premio da loteria.  
Mimos de namorada.  
Olhares de virgem.

## Cousas despreziveis

Assignantes remissos de jornal.  
Pedido de cigarros ou charutos.  
Quebradeira chronica (na bolça)  
Elogio em boca propria.  
Moça fingida.

## CHARADAS.

Na cana 1  
Na cana 1

C.

E' numero.

OUTRA:

Sou prima das sete irmans 1  
Adverbio tambem sou 1  
Junto da quarta me tendes 1  
porque lá de certo estou 1

C.

Onde ha correspondencia  
me achareis; não achou?

OUTRA:

Sou destimido e salgado, 1  
No navio me tereis; 1  
Não me procura mui longo  
se decifrar me quereis 1

C.

Sou ave dos lagos  
de muito sabor.

Mar.—Typ. de R. d'Almeida &amp; C.—Imp. por A. R. dos Santos

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E RECREATIVO.

Gigante do porvir, oh mocidade!  
Erguei a fronte altiva.  
(MAGALHÃES)

Publica-se aos Domingos.—Preço da assignatura—2,000 rs. por trimestre ou serie de 12 numeros, pagos adiantados.  
Assigna-se n'esta typographia, rua da Palma n. 8.

SECÇÃO LITTERARIA.

CONTOS AO LUAR.

A. A. R. DOS SANTOS.

DEA

I

Foi n'uma noite de Santa Filomena que vi pela primeira vez a imagem casta d'uma menina seductora.

Ella era tão bella e risonda que as palavras que me fallou pronunciarão toram:

Dea! n. por Dea os meus rapazes a conheceram.

Sentada elegantissimamente n'uma cadeira, ás vezes brincava com os fios da sua madeixa cõr de azeite.

Seu olhar penetrante buscava tolinhas por sob as madeixas, ás vezes se desviava para os emblemas de ouro que se contemplava com a simplicidade que o maior

homem de coração perverso não deixaria de ter compaixão d'ella.

Essa menina era um anjo!

—Dea—tornou-se-me um objecto precioso. Era uma perola de Ophir que minh'alma admirava amorosamente no tabernaculo intimo.

Com ella sonhava constantemente.

II

Passou-se muito tempo.

Um dia, pela segunda vez tornei a vê-la, porém mais encantadora e angelica que a florinha debruçada na beira da lagõa.

Então amei-a mais fervorosamente.

Minha vida, meu pensamento, meus sonhos, meu futuro, minha felicidade, meus cantos, tudo, tudo por Dea! foi dese cherubim tão aperfeiçoado pelos sabios dedos de creador.

No entanto abafei, ainda essa vez o que se sentia.

As seis horas seguras que achei-me diante d'ella passaram com tanta rapidez como um segundo na vida do homem.

Ella retirou-se com sua familia deixando-me o coração entregue em cogitações vagas.

THEATIM DA BRISA.

THEATIM DA BRISA.

ROMANCE DE BETHENCOURT.

A. H. R. F. GUTIERRES.

(Vid. o n. 1)

—Marville commecou a leitura da missiva, que rezava estas linhas de uma eloquencia modelo.

«Sou conductor de machinas a vapor. «You contractado para o caminho de ferro de Pedro II. Ganho quatro libras por semana. Bebo quatro garrafas de cerveja por dia. Dou a minha bofetada quando a paciencia toca os limites da tolerancia. Tenho 35 annos. Nunca me casei, mas tenho tido, por varias vezes criadas ao meu serviço. Gosto de bailes de mascarar, de me deitar cedo, e de comer um succo lento *roast-beef*, regado por duas garrafas de vinho do Porto. Causa-me grande desprazer ver talheres sujos, e endouceço quando vejo uma toalha cheia de nodos. Tenho de vez em quando as minhas manias. Estou habituado a dormir no chão, duas vezes por semana, e a dar saltos mortaes por ci-

ma da cama. Estes exercicios alem de hygienicos tem estas utilidades para minha profissõa: primeiro se algum dia a locomotiva, que eu dirigir, desancarrilhar, tenho a certeza de poder dar um salto, seja de que altura for, sem soffrer a menor plezuraz secundõ.—para não me magoar quando caio por effeito do indispensavel uso de beber. O unico amigo e parente que me resta é o meu inseparavel King Charles, a quem amo abaixo de Jehovah. Cuidadosamente na minha burra algumas centenas de libras. Eis aqui, divina andaluza, a minha vida e os meus costumes. Se não for de vosso agrado compartilhar com ella e com elles, tende a certeza que as revoltas agas do Atlantico tragarão isto que vos adora com todo o fogo que em chispas ardecentes lança o Etna e o Vesuvio. Se até as nove horas da noite me não deres uma prova intallivel do teu amor, só os mais ferozes peixes, que habitam o mar, saberão os meus segredos e a razão porque deixei o mundo o teu dedicado.—James Wilton.»

Uma estridente gargalhada soltada pela *andaluza*, poz fôrta leitura da eloquente carta. Marville tambem soltava grandes rizadas, admirando como a classe media da sociedade ingleza, declarava o seu amor a qualquer ente do genero feminino.

Era uma noite de luar para o vivo.  
A dona do meu coração, a senhora de minhas fa-  
culdades, o phanal lucente de minha gloria, ap-  
pareceu-me de novo.

Então cheguei-me recatadamente de sua imagem  
engraçada e celestina, e timidamente balbuciei-lhe  
—eu te amo!

Logo perfeitamente si aquelles olhos retintos,  
aquelles labios purpurinos, aquelle semblante ge-  
neroso dar esperança á meo desejo.

Dêa tambem me amara!

Algumas vezes quando a via acompanhada de sua  
respeitavel familia, se não me aproximava de seo lado,  
ao menos os nossos olhares, nossos jogos physiolo-  
gicos exprimião claramente os nossos sentimentos.

Ah! pudera viver d'aquella formosura, respirar  
aquelle halito embalsamado e vital, e queimar-me  
todo inteiro no ardor dessa amizade verdadeira!

Dêa tambem vivia por mim.

IV

Um dia accordara muito triste.  
Tomei Ottoni para recordar; e as ideias estavam  
tão varridas que não pude comprehender a lição.  
O coração se agitava incommodamente.

Recebi diste abir-me.  
Abri—As memórias—de Lamartine e não abei  
o que desejava.

Então os Cantos de Gonçalves Dias o casual-  
mente o abri na poesia. Se de morte de amor. Li  
as primeiras palavras e não pude comprehender  
tudo o significado: as palavras pronunciadas lam-  
cento que se apertando para de não esquecerão,  
quando sempre leve vestigio na memoria. Já que  
de então idios.

De seo momento appareceu-me seo collega e depois  
de um tempo me disse desta sorte:  
—A... em doze dos meus pezaros.

—Mas, diga-me menina,.... annue a proposta do  
senhor James Wilton? disse Adolpho ainda a rir

—Qual! O homem tem a allucinação de Werther  
ou Othello, é melhor deixal-o, respondeu Pepita.

—Tome cuidado olhe que elle é capaz de se matar.  
—Não se mata.

—Não duvide? como devo saber os inglezes são  
famosos, e quando ferram os pés a parede, nem  
sãnsão seria capaz de os arredar e lá.

—Ah! agora me recordo. Quem é esse amigo de  
que o inglez falla?

—Amigo? disse Marville.

—Sim. Esse Charles, insistio Pepita.

—E' certo não saber quem é?

—Ura! A prova é que pergunto.

—E' o cão, menina. Um dos individuos caninos  
da Terra-Nova.

—Que razão que é o tal inglez!

—Tornar-se-ha ainda mais razão quando lhe sa-  
rificar a vida, atirando-se ao mar.

—Não diga tal. Hei-de por força condescender  
com a sua proposta ainda mais parva do que quem  
—E'?

—O que elle morre, disse Marville.

—Esses motivos me desesperaram...  
e com olhares estupidos, fitos n'elle, perguntei ad-  
mirado:

—Tens pezaros...?

—Não sabes por quem?

—Ignoro... por Deos, falla-me, explica-te.

—Dêa morrêo

Um doloroso ai fora o unico monosyllabo que pro-  
nunciei.

Fui atacado d'uma syncope.

Quando tornei a mim estava cercado de minha  
familia e diversas pessoas da nossa amizade.

—Deixem-me orar! foi a unica phraze que pro-  
feri.

V

Essa menina era pobre porem creada com muita  
delicadeza.

Travando estreita amizade com seo irmão pude  
adquirir tal familiaridade na familia que offereci-me  
para mandar erigir um modesto mausoléo na sepul-  
tura de Dêa. Realisei o pedido.

Um dia acompañei os entes caros de Dêa ao ce-  
miterio e minhas lagrimas que até então eram cho-  
radas occultamente, foram manifestadas diante de  
sua familia

Todos não mais ignoraram o meo amor.  
Mimosado com o... menina tão for-  
mosa, passo e passar... as mais agudas  
dores d'alma.

—Ai Dêa, minha qu... os para sempre  
se não resta consumm... cio d'esta penosa  
vida.

—Ainda não...  
—Sou...

1872

—Deixal-o morrer. Pede a vida  
homem se suicide?

—Sou amigo da humanidade, por conseguinte  
sinto as infelicidades do proximo; lembrou-me com  
tudo um expediente...

—Qual é?

—Chamal-o eu de parte. Entregar-lhe a carta e  
dizer-lho que sou seu esposo.

—Magnifica lembrança!

—Tem o seu consentimento?

—Não posso regeitar. Sinto uma certa sympa-  
thia pelo senhor...

—E eu tambem sinto pela menina...

—Falla verdade?

—Com o coração nas mãos. Nunca amei, nem  
sei o que seja amor.

—Porem como disse que sentia por mim...

—Sim. Sinto pela menina uma desconhecida atra-  
ção. Um poder sobrenatural que me entristece  
logo que a perco de vista.

—E' isso o amor...

E Pepita beijou-o na face estreitando-o em af-  
fectuoso abraço.

(Continua)

## VERSOS Á CORINNA.

## POEMA D'ALMA.

## VI

## TEOS OLHOS.

— como são tão radiantes  
 — os teos olhinhos micantes,  
 — everbéro dos meos ceos;  
 — mas são que me prendera:  
 — em sei mesmo se vivera  
 — o lume dos olhos teos.

## VII

## NÃO TE ESPANTES.

Depois que entre os homens findar minha vida,  
 lá quando na tumba meo corpo dormir,  
 se ouvires a noite um canto magoado  
 bem junto a teu leito, Corinna formosa,  
 não te espantes!

Oh! não! si nos sonhos dourados da vida  
 sentires uns labios roçando nos teos,  
 por onde as arfagens, baños do morto  
 tu possas, meo anjo, sentir perturbada,  
 não te espantes!

Oh! não! si em teos olhos me vires um dia  
 querendo abraçar-te, fallar-te talvez,  
 da sombra do bardo que amou-te no mundo,  
 que morto procura provar-te a amizade,  
 não te espantes!

Mas, ah! porque tenho tão falsas ideias:  
 o 'sp'rito não volta de novo a materia;  
 perdido dos orgãos perdido p'ra sempre  
 no mundo onde habita somente o que é simples,  
 assim não te espantes!

## VIII

## SEDUCTORA.

A rosa  
 formosa  
 te adora, Corinna;  
 és lbana  
 sultana  
 da rosa mais dina.

Sonhava  
 qu'estava  
 vibrando-te a lyra  
 risonho.  
 Foi sonho,  
 sonhar é mentira.

Sonhava  
 qu'orava  
 pendido em teu seio,  
 qual sombra

que tomba  
 no mar sem receio.

Mas quantos  
 espantos  
 mais tarde tivera;  
 das puras  
 venturas  
 nem mais eu soubera.

Agora  
 qu'aurora  
 me faz despertar,  
 consente  
 que tente  
 deveras te amar.

Minh'alma  
 mais calma  
 que os anjos divinos,  
 da lyra  
 que espira  
 te offrece seos hymnos.

Dezembro—1872

J. AUTO PEREIRA.

## SECÇÃO CRITICA.

Maldito Ralph! Folhetinista do inferno! Não contente com as massadas que por varias vezes deu aos leitores d'este jornalsinho, quer mais ainda apoderar-se da Secção Critica para lhes narrar historias da sua lavra! Acha que foi pouco o aborrecimento, que causou ao publico quando se atreveu a publicar alguns desenhados folhetins, e deseja ainda entretelo com mais algumas proezas de Catimbáo, não se lembrando que o seu heroe é tão insignificante, que conceder-lhe um lugar (mesmo na critica) nas columnas d'este jornal é demasiada honra. E o diabo é que foi com custo que o dissuadimos de tão insano projecto, pois queria a todo o transe apresentar aos leitores Catimbáo, acompanhado por uma moça n'uma janella, dirigindo indecentes chufas aos pacificos transantes, que tinham a infelicidade de passar por diante da casa em que se achava empoleirado, e alegremente coadjuvado pela sua companheira que se não lembrava que dirigir uma pilheria a um mancebo é proprio *d'une femme publique*.

Ora digam leitores, não acham que fizemos bem em despersuadir-o de semelhantes asneiras? Se fossemos admittir no nosso jornal os escriptos *calidos* do Snr. Ralph, perderiamos a benevola protecção dos nossos leitores que

não estão dispostos a suportar-lhe as imper-  
tinencias, e isso não desejamos nós.

Ah! agora é que reparo que comencei este  
artigo por uma diatribe ao Ralph! Que tal?  
Um collaborador de um jornal apostrophar  
um collega! Ora, não admira, se é permitido  
aos empregados publicos injuriarem-se nas  
suas repartições, não é de causar espanto que  
dois collaboradores de um jornalsinho se mal-  
quistem na arena das letras.

Mas deixemos o Ralph. E' melhor falla d'ou-  
tra cousa, que divirta mais os leitores. Infe-  
lizmente falla o assumpto.

Já que não ha cousa melhor fallenos da  
noite de Reis, d'essa noite tumultuosa em que  
a todo o momento o viandante encontrava ban-  
dos de individuos de todas as classes, e gritar  
com toda a força dos pulmões, e fazendo uma  
berraria capaz de ensurdecer uma legião de  
demonios.

Apezar d'isto alguns mancebos d'esta cida-  
de andaram n'essa noite tocando e cantando  
alegremente, mas com ordem e não declaran-  
do guerra ao Alamiré.

E' isto o que tenho a dizer-vos leitores. Per-  
doem a massada.

*Au revoir.*

AGENOR

### SECÇÃO RECREATIVA.

*Anecdota.*—Disputavam, um grego e um vene-  
ziano, querendo cada um que a sua respectiva na-  
ção vencia a outra em excellencia.

O grego para provar que a sua se avantajava não  
só a Venesa, mas a todos os outros países, disse-  
lhe:

—Foi da Grecia que sahiram todos os sabios.

—E' verdade, respondeo-lhe o veneziano, e é por  
isso que ja hoje la se não encontra nenhum.

*Outra.*—Um europeu querendo deprimir a Ame-  
rica, disse a um americano.

—Para mostrar que a vossa America é um país  
desgraçado, basta saber-se que Jesus Christo não  
andou por la em sua peregrinação pelo mun-  
do.

—E' verdade, respondeo-lhe o americano, mas  
foi porque vocês crucificaram-n'o antes que elle  
la fosse.

*Conto original.*—Uns arabes tinham acabado de  
lavar o seo campo: chegou o diabo e disse-lhes:

—A metade do mundo me pertence; quero por  
tanto receber uma parte da vossa colheita.

Os arabes são fiéis e assentes como a raposa, e  
responderam ao diabo:

—Pois bem, receberás, si quizeres, a parte que  
ficar em cima da terra.

Os arabes semearam então no seo campo nabes  
e batatas, e quando chegou o tempo da colheita,  
recolheram o que estava debaixo da terra e entre-  
garam as ramas ao diabo.

No anno seguinte voltou este e exclamou es-  
furecido:

—Desta vez não me lograrão: eu quero a parte  
que ficar debaixo da terra.

Os arabes semearam o campo de trigo e cevada,  
e quando chegou a colheita levantaram palha e o  
grão, e o diabo se ficou com as raizes.

### LOGOGRIFHO.

Quem me quer encontrar em os desertos  
dos desertos d'alem que me terá 1.º 2.º  
Faço sombra no rosto foi guerreiro  
mas não sei se o leitor me encontrará 1.º 3.º  
Eu vivo onde vive a natureza,  
aonde os sabios tem harmonia 2.º 3.º  
Sirvo para os poetas, dou belleza  
aonde nunca houve a poesia 1.º 2.º  
Todo homem me tem quando he velho  
porque precisa á elles sempre sou 2.º 2.º  
Sou nome de mulher doce, sereno,  
constante tambem nos seus eston 2.º 4.º 3.º  
Quem me quer encontrar em os desertos,  
porque sou muito a la harmonia 1.º 4.º  
Aqui he o logogrifho de Euzen  
Com a chave que me dá a chave

### ERRATA.

No romance *Júpiter*, pag. 2.º, col. 2.ª linha 1.ª

Em vez de

—Qual reflexão madara! Pois não!

Diga-se

—Qual reflexão madara!

—Pois não!

Na 2.ª poesia dos *Vertes e Corizes*, catastrophe ter-  
verso 1.º, onde diz:

«Não passa um só momento»

«Não me passa um só momento»

Na segunda charada, onde está:

Junto da quarta me tendes

lêa-se:

Junto da sexta me tendes.

No Folhetim, onde se lê

—Sou toda ouvidas

lêa-se:

—Sou toda ouvidos.

### DECIFRAÇÕES.

Da 1.ª charada—Novo.

Da 2.ª—Recado.

Da 3.ª—Marreca.

Mar.—Typ. de B. de Alencar & C.—Imp. por A. B. dos Santos.